

CULTURA ARTÍSTICA E CALENDÁRIO FESTIVO NO BARROCO LUSO-BRASILEIRO: AS ORDENS TERCEIRAS DO CARMO

ADALGISA ARANTES CAMPOS*

Apresentação geral

Apresentamos resultados parciais da pesquisa *Pompa Barroca e Semana Santa na América Portuguesa*, contemplada com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - **CNPq**,¹ dando continuidade ao estudo anterior, dedicado aos terceiros franciscanos e à Procissão de Cinzas (CAMPOS, 2001, p.193-199). O acervo ora estudado, específico da Procissão do Triunfo feita pelos terceiros carmelitas, representa uma fusão na tipologia elaborada por Myriam Ribeiro entre: a) imagens de retábulos; b) imagens processionais; c) imagens de conjuntos cenográficos (vias-sacras) (OLIVEIRA, 2000).

As ordens terceiras do Carmo:

Breve nota histórica

Na capitania das Minas, as ordens terceiras do Carmo se estabeleceram legalmente quando a sociedade encontrava-se bastante estratificada: São João del Rei (1740), Mariana (antes de 1751), Vila Rica (1752), Tejuco (1758) e a do Serro, originada daquela do Tejuco, em 1761, Sabará (1761) (BOSCHI, 1986). Nas grandes concentrações urbanas, os terceiros edificaram templos próprios. A partir dessas sedes, constituíram uma jurisdição denominada presídia, abrangendo vários arraiais visitados vez por outra pelo cobrador da ordem. Era comum existir altar lateral vocacionado ao Carmo, dentro da igreja paroquial das presídias. Por isso, enquanto as irmandades mais antigas passavam por vicissitudes (São Miguel, Rosário dos Pretos, Santíssimo...), tendo, inclusive, que vender bens de raiz, as ordens do Carmo gozavam do seu esplendor. A devoção ao Carmo suscitava freqüentes filiações, legados de falecidos, esmolas no cofre, e, assim, tais ordens terceiras não precisavam dispor de seu patrimônio, que gerava aluguéis, apólices, juros etc...² A partir da legislação provincial que proibiu terminantemente enterros no recinto do templo, tais ordens leigas conservaram privilégios, por possuírem cemitérios de carneiras anexos, e, assim, mantiveram as receitas e também os rituais dentro de estrita pompa. Atraíam membros importantes, como o governador Gomes Freire de Andrade, não aceitando gente de ofício vil ou pobre. Exigiam que o neófito deixasse cópia de testamento, preparando-o espiritualmente através do noviciado, feito durante as madrugadas dos sábados



Capela da Ordem Terceira do Carmo
Lado da Epístola
Ouro Preto/MG

* Doutora em História Social, Profa. Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais/UFGM Pesquisadora do CNPq

1. Agradeço a José Bento Ferraz, funcionário aposentado do IPHAN, por informações sobre a Procissão do Triunfo em Itu, passadas através de cartas escritas em 1990; e, finalmente, ao meu querido Renato Júnio Franco (BIC/FAPEMIG), pela disposição infinita em me animar.

2. APNSP, Receita e Despesa da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto 1904-1929. F. 38 e 61v.



Capela da Ordem Terceira do Carmo
Lado do Evangelho
Ouro Preto/MG

durante onze meses, após os quais havia cerimônia solene da profissão.

Calendário festivo dos terceiros carmelitas³

Arrolamos as festividades anuais dos terceiros carmelitas a partir da consulta de fontes manuscritas confrariais, impressas (livros piedosos e legislação diocesana) e também do Inventário de Bens Móveis e Integrados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN. Sempre que possível, as informações obtidas foram confrontadas com a observação direta dos acervos remanescentes, sob a guarda de museus e templos. Tais cerimônias foram classificadas conforme o calendário litúrgico e para-litúrgico.⁴ A ênfase nessa oportunidade foi para a Procissão do Triunfo, específica dos terceiros carmelitas:

Quartas e sextas-feiras da Quaresma IV Domingo da Quaresma Domingo de Ramos Quinta-feira de Endoenças⁵ Sexta-feira da Paixão Sábado de Aleluia Domingo da Páscoa	Exercícios Espirituais com via-sacra e coros musicais Rasouras, isto é, procissão ao redor do templo. Procissão do Triunfo Missa solene* com laus perenis (louvor perene) Lava-pés Sermão do Mandato Santíssimo Exposto à Adoração dos fiéis* Adoração da Cruz* Sermão da Paixão Sermão da Soledade Procissão do Enterro Ladainhas Procissão da Ressurreição, Benção do S. Sacramento*
--	--

O Compromisso do Carmo de Vila Rica (1755) dá orientação minuciosa sobre a realização dos festejos. Conferindo sua abundante documentação, além da *História da Música nas Irmandades de Vila Rica* (LANGE, 1979, p. 195-266), constata-se que os terceiros faziam práticas espirituais nas quartas e sextas-feiras da quaresma, com via-sacra e coros de música; Procissão do Triunfo no Domingo de Ramos, à tarde; missa solene na manhã de Quinta-feira de Endoenças, com o Santíssimo Sacramento exposto, e, à tarde, Sermão do Mandato e Lava-pés; Adoração da Cruz na tarde de Sexta-feira da Paixão, com Procissão do Enterro e com sermão da Soledade, à noite; Ladainhas no Sábado de Aleluia à tarde; e, finalmente, a Procissão da Ressurreição com exposição do Santíssimo Sacramento, no Domingo da Páscoa. A Ressurreição foi introduzida tardiamente. Todas as funções mencionadas exigiam um ou dois coros respeitáveis. Tal conjunto de ritos permaneceu inalterado até o primeiro terço do século XIX, deixando de ser cumprido parcialmente em virtude de obras dispendiosas no templo (LANGE, 1979, p. 232-3). A partir de então, o tesoureiro que lançou o contrato da música o fez de forma genérica, sem especificação.⁶

A Procissão do Triunfo, na verdade, era a dos Sete Passos

3. Ao fazer este texto não tive acesso aos estudos de: Susane Pepi sobre o Carmo de Salvador e Mathilde Salomon sobre Itu, monografias apresentadas no Curso de pós-graduação lato-sensu em Cultura e Arte Barroca, Ouro Preto, UFOP.

4. Com asterisco somente os rituais de natureza canônica.

5. Endoenças, do latim indulgentiae= indulgência.

6. Seu 1º Compromisso é elucidativo sobre as pregações: "Todos os Sermoens que se distribuirem, tanto para a Quaresma, como para as mais festividades, serão propostos em Meza, para esta os distribuir pelos melhores Pregadores que ouverem, a quem se encomendarão com tempo conveniente, para que se não escuzem, por ter aceitado outros, e si procurará também, que sejam os Pregadores virtuosos, que não só edifiquem com a palavra, mas também com o exemplo" (Cap. 32, parágrafo 2).

da Paixão, que ainda estão nos altares laterais ou sacristia de templos carmelitanos no Brasil e no mundo ibérico.⁷ Tais andores eram carregados pelos farricocos, homens encapuzados à moda ibérica, que desapareceram em data incerta (LOPES, 1942, p. 96).⁸ O cortejo, por sua vez, extinguiu-se em datas variáveis. Há descrição datada de 1755, em Vila Rica: "... em que hirão os Sete Passos de Christo Senhor Nosso, pelas Ruas publicas da Villa, na qual hirão todos os Irmãos Terceiros com seus Hábitos, e brandoens,⁹ e não se admitirá nas Procissoens entre os Irmãos quem o não for" (cap. 3, parágrafo 1). O cortejo obedecia ao seguinte escalonamento hierárquico:

*Irmãos noviços, da Cruz da Ordem, até o primeiro Andor de **Christo no Orto**, ao pé do qual, hirá presidindo o Irmão mestre, compondo, e governando os seus noviços (cap. 33, parágrafo 2).*

*E a este primeiro Andor, se hirão seguindo os mais por sua ordem, até o **Andor Passo do Christo Crucificado**; entre cada Andor, hirá hum Irmão deputado pela Meza, dos mais beneméritos, e prudentes, para compôr as allas, e Andores, para que vá tudo com boa Ordem; e estes Irmãos Levarão...huma vara da groçura de huma vella de livra, e mais comprida hum palmo, tinta de branco, em sima pintada, as Armas da Ordem. E adiante do Andor do Senhor do Orto, hirá o **Anjo do Triunfo**, com seu Estandarte Roixo, e dous Anjos mais que o acompanharão aos lados, com as insignias daquelle Passo, os quaes Anjos darão os Irmãos, Irmans Terceiras, sem que no seu ornato levem ouro, nem jóias, excepto o Anjo do Triunfo, em que se permite todo o luzimento, e o **Sétimo Andor de Christo Crucificado**, há de prezidir, e governar hum Irmão, que tinha já sido Prior na Ordem (...)" (idem, parágrafo 3).*

*Seguirá o ultimo Andor do Senhor Crucificado, o **Santo Lenho** debaixo do Paleo, e as varas deste, levarão os Irmãos Terceiros, dos mais principaes da Ordem, e diante do Paleo seguirão os officiaes da Meza; adiante desta (...)" (parágrafo 4).*

Na reforma dos estatutos do Carmo de Ouro Preto (1879), conservaram-se os seguintes ritos quaresmais: a Procissão de Triunfo em Domingo de Ramos, missa cantada e *laus perene* na Quinta-feira Maior, e os Actos da Paixão na Sexta-feira Santa, com Procissão do Enterro, à noite. Contudo, já no início do século XX, a ordem deixou de fazer tais ritos, realizando tão somente a festa da padroeira, e esta, bastante simplificada, conforme os novos tempos, pois não se fazia mais a contratação da música e do sermão à parte.



Capela da Ordem Terceira do Carmo
Recife/Pernambuco

7. Lembro-me do Carmo do Porto e do Faro.

8. Cf. pagamento de farricocos no ano de 1806. In: Inventário de Alfaías 1757-1806, p. 03.

9. Brandões=velas de cera

Observe-se que, no século XVIII e XIX, a ordem fez, com exclusividade para os filiados, cerimônias que, tradicionalmente, já eram feitas às custas das irmandades do Santíssimo e Senhor dos Passos. Para isso, ela foi constituindo vasto acervo de ornamentos requintados de cor roxa, branca, encarnada e preta.¹⁰

O exame da documentação do Carmo ouropretano, anterior a 1939, mostra uma limitada guarda romana, referência apenas às vestes, alabarda e capacete do centurião, bem como aos 14 capacetes dos profetas, anteriormente mencionados em 1764.¹¹ Não obstante o rico inventário de alfaia, a Procissão do Enterro carmelita dos oitocentos e novecentos apresentava o Cristo em seu esquife, a *Mater Dolorosa*, São João Evangelista, o centurião, anjos e profetas, sem a inflação de quadros vivos dos dias atuais.

A *Viagem Histórica e Pitoresca ao Brasil*, de Debret, descreve a Procissão do Triunfo, feita no Rio de Janeiro na sexta-feira que precede o Domingo de Ramos, exclusiva da Ordem Terceira Carmelita, com os seguintes andores: o Senhor no Horto, da Prisão, da Coluna ou Flagelação, da Cana Verde, Cruz às Costas, Crucificado "com o rosto cercado de enormes raios dourados" e Senhor Morto (DEBRET, 1978, p. 41-42). Cada andor era acompanhado por anjos portando os emblemas do martírio. A Virgem das Dores também participava. Após o cortejo, as ditas imagens eram colocadas em seus pedestais, para serem reverenciadas pelos fiéis, que se dividiam em duas filas de cada lado da nave.¹² Tais imagens ainda estão nos altares do Carmo carioca.

Segundo a *História da Antiga Capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo*, o dito triunfo é relativo a Lázaro (Jo 11,1-45), que ressuscitou exatamente na sexta-feira precedente ao Domingo de Ramos. Em São Paulo, já no próprio XVIII, os carmelitas empregavam os andores com as invocações mencionadas e coadjuvavam em suas procissões com os terceiros franciscanos (ORTMANN, 1951, p. 121).

Contudo, essa iconografia, observada em templos carmelitas ibéricos, na capela dos carmelitas de Recife, Salvador, Cachoeira na Bahia (sacristia), Rio de Janeiro, Campos, Itu, e de Ouro Preto, não se desenvolveu plenamente nas outras ordens carmelitas mineiras ou desapareceu deixando poucas pistas.¹³

A Procissão do Enterro dos carmelitas ouropretanos geralmente introduzia dois coros próximos ao esquife do Senhor Morto, anjos e figuras à trágica representando os profetas e o centurião. Ela deveria seguir a mesma forma e ordenação consagrada pelo costume, os irmãos deveriam conservar o silêncio e a compostura. Atrás deles iria

"o *Esquife com a Sagrada Imagem do Senhor Morto, o qual carregarão os Irmãos Terceiros sacerdotes muzicos que cantem os hús, os quaes hirão revestidos com alvas,*

10. Chegou a possuir 28 forquilhas para descansar os oito andores (sete deles renovados em 1844), duas verônicas do Cristo, seis bandeirinhas de tafetá com letreiros explicativos que levavam os anjos na procissão, 14 placas de madeira pintadas (também com a finalidade de narrar o evento), o estandarte roxo do Senado Romano para meninos com as iniciais SPQR (Senatus Populus Que Romanus - O Senado e o Povo Romano), 28 sanefas de damasco roxo (quatro para cada andor existente), esquife e ornamentos, Senhor Morto, pálio escuro franjado de ouro e prata, sete cruzeiros de madeira para a via-sacra, 60 castiçais de madeira prateada, 83 castiçais pequenos de estanho, os martírios, isto é, os emblemas da Paixão, objetos freqüentes em inventários das irmandades dos Passos. (Cf. Carmo de Ouro Preto IN: APNSP: Estatutos- 1879 Inventário de Alfaia: 1754-1806, 1810-1862, 1889-1939).

11. APNSP, Inventário de Alfaia - 1754-1806, fl. 11 e 29.

12. A Procissão do Triunfo foi feita durante o oitocentos em Salvador, só que no próprio Domingo de Ramos e pela ordem terceira de São Domingos (cf. REIS, A morte é uma festa, p. 68).

13. As imagens do Carmo de Campos mereceram estudo de Fátima Justiniano, apresentado no simpósio anterior do CEIB.

e amitos, que lhe cobrião, e não havendo sacerdotes Irmãos, carregarão os Irmãos que a Meza determinar (parágrafo 5).

O Esquife, hirá de baixo do Páleo, cujas varas levarão os Irmãos que tiverem servido na Meza, nos mayores lugares della e serão homens de boa qualidade; e atrás do Esquife, seguirá o Andor da Virgem Maria Senhora Nossa em sua Soledade ao pé da Cruz, com o Santo Sudário nas mãos, o qual Andor carregavão os Irmãos Terceiros, que tiverem servido na Mesa e diante deste Andor, hirá a Meza, com o Redo. Pe. Comissário, imediato a esta diante do Paleo, hirão os officiaes que tiverem servido na Meza no anno antecedente (parágrafo 6).

Levará esta Procissão, os Anjos que forem precisos, vestidos correspondentes ao acto: Levará esta Procissão a muzica que for precisa. Ordenamos que os Irmãos Terceiros sacerdotes profeços, em todas as Procissoenz, e actos da Ordem, serão obrigados a hirem com os seu hábitos, e occuparêem o lugar immediato aos Irmãos que servirão na Meza antecedente. E os mais Irmãos seguirãem em todas as Procissoenz, e actos da ordem, com a preferencia, conforme suas antiguidades nas proffissoens..." (parágrafo 7).

Apesar de não possuir documentação completa, comprovamos que a Ordem Terceira do Carmo de Mariana, erigida na Capela de São Gonçalo por volta de 1751, também fazia com alteração de invocações a "Procissão de Domingo de Ramos com o Triunfo do Sr. e Santos da Ordem", visto que não possuía os sete andores da Paixão.¹⁴ Ali ainda se faz a Procissão do Triunfo à tardinha do Domingo de Ramos, saindo de São Francisco, já que a Capela do Carmo ficou muito tempo em obras e depois foi vítima de incêndio. É diferente de tudo que já vimos. Foi feito em data incerta, mas recente, um jumento, colocado sobre tablado com rodas, que transporta a imagem articulada de Cristo, vestida de capa púrpura, simulando a entrada em Jerusalém.

Conforme registro de 1758, o Carmo de Mariana também fazia a "Procissão do enterro de Christo Senhor na noite da Sexta-feira Mayor".¹⁵ Nessa mesma ocasião, os terceiros se queixavam de não possuir pálido, nem Santo lenho e tentavam evitar a intromissão do cabido marianense em sua procissões. Esta associação de leigos sofreu particularmente diante da congênere de Vila Rica, que não aceitava perder aquela jurisdição.

A ordem carmelita do Tejuco celebrava os Domingos da Quaresma e a Sexta-feira da Paixão – de manhã no templo, à noite com Procissão do Enterro (LANGE, 1983: 253-309). Esta, com



Capela da Ordem Terceira do Carmo
Altar lateral
Recife/Pernambuco

14. AEAM, Petições de 1758 e de 1759, fls. 5-7. Registro de Patentes da Ordem 3ª do Carmo de Mariana, Q32.

15. AEAM, Petição ao Bispo de 1758, fl. 5v. Registro de Patentes da Ordem 3ª do Carmo.... Q32.



Procissão com andor do Senhor dos Passos
São João del Rei/MG

sermão e música, teve especificação regular de 1759 até 1831; a partir de então, não foi mencionada, em proveito da padroeira, que, desde os primórdios, fora mais pomposa, envolvendo a novena e a festa do dia propriamente dito. Não encontramos referência à Procissão do Triunfo, nem ao menos a presença de andores próprios para essa solenidade no Tejuco (Diamantina) e no Serro.

Em Sabará, a ordem terceira do Carmo realizava a Procissão do Triunfo no Domingo de Ramos, missa solene com exposição do Santíssimo na Quinta-feira Santa, Procissão do Enterro na Sexta-feira da Paixão com sermão alusivo, matinas no Sábado de Aleluia, missa cantada com sermão no Domingo da Ressurreição Mereceu dissertação de mestrado, com farto levantamento arquivístico (ÂNGELO, 1999). A devoção à Paixão era tão importante para os carmelitas sabarenses que eles edificaram, no início do século XIX, capelinha denominada Passo do Calvário, do lado do próprio templo (PASSOS, 1940, p. 41).

O Carmo de São João del Rei também não tem documentação completa (VIEGAS, 1998, p. 45-58). Ainda assim, acreditamos que tenha feito as procissões próprias dessas agremiações, em função da análise da imaginária restante, pois conserva na sacristia imagens do Cristo da Coluna, da Prisão e Morto. Nessa cidade, ainda é feita na tarde de Domingo da Páscoa uma procissão intitulada Triunfo (da Ressurreição), com a particularidade de exibir em andor único imagem acadêmica do Cristo da Ressurreição. O evento é de alçada paroquial, não apresentando conexão com a ordem do Carmo local. Contrapondo o calendário festivo dos carmelitas com o dos terceiros franciscanos, observa-se que há repetição de muitas cerimônias (com*). Contudo, nos ritos mais pomposos não há repetição, isto é, a Procissão de Cinzas, do Triunfo e do Senhor Morto.

Ordens Terceiras de São Francisco da Penitência:

Segundas, quartas e sextas-feiras quaresmais	Exercícios Espirituais (*)
Quarta-feira de Cinzas	Procissão da Penitência
IV Domingo da Quaresma	Rasouras com Miserere
	Lava-pés, com Sermão do Mandato
Quinta-feira de Endoenças	Missa solene, com Adoração do Santíssimo*
Sexta-feira Santa	Adoração da Cruz*
	Sermão da Paixão
	Sermão da Soledade

Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo:

Quartas e sextas-feiras quaresmais	Exercícios Espirituais com via-sacra (*)
IV Domingo da Quaresma	Rasouras (*)
Domingo de Ramos	Procissão do Triunfo
	Missa Solene* com laus perenis
Quinta-feira de Endoenças	Lava-pés com Sermão do Mandato*
(início do Tríduo Sacro)	Santíssimo Exposto à Adoração dos fiéis*
Sexta-feira da Paixão	Adoração da Cruz (*)
Sábado de Aleluia	Sermão da Paixão (*)
Domingo da Páscoa	Sermão da Soledade (*)
	Procissão do Enterro
	Ladainhas
	Procissão da Ressurreição, Benção do Santíssimo*

Conclusão:

Tomando os ritos quaresmais e do próprio culto santoral em conjunto, São João del Rei foi a localidade mais perseverante em suas tradições, conservando-se indiferente à Reforma litúrgica da Semana Santa de meados do século XX, introdutora do vernáculo nas celebrações (ANTONELLI, 1956, p. 108-112). Pelo novo *Ordo*, as funções da Semana Santa poderiam ser celebradas com rito solene, isto é, com três ministros sacros, ou simples, com celebrante coadjuvado por leigos ou coroinhas devidamente preparados (ANTONELLI, 1957, p. 137-140). São João ainda faz, com pompa e recolhimento, ritos desaparecidos, como: as rasouras, curta procissão ao redor das respectivas igrejas do Carmo e de São Francisco, as três procissões de Encomendação de Almas,¹⁶ à meia noite das sextas-feiras quaresmais, com os motetos da Paixão de Martiniano Ribeiro Bastos (1835-1912), fundador da Orquestra do mesmo nome. Já no XIX, a Encomendação de Almas tinha assimilado o vernáculo e um tom lamentoso, que foram substituídos pelos motetos em latim, idênticos aos das vias-sacras e Procissão do Encontro (SOBRINHO, 1996, p. 55). Com a Orquestra Ribeiro Bastos, houve estímulo no sentido de se recuperar a feição erudita.

A Lira Sanjoanense, fundada em 1776 por José Joaquim de Miranda, bem como a Orquestra Ribeiro Bastos, foram fundamentais para a formação de músicos que compunham, sem interrupção, para atender às demandas confrariais nos séculos XVIII, XIX e XX. A Ribeiro Bastos tem contrato especial com a irmandade do Santíssimo, que lhe dá exclusividade de atuação na Semana Santa. As *Piedosas e solenes tradições de nossa terra* (1982), feita por equipe da Catedral do Pilar, sob coordenação de monsenhor Sebastião Paiva, reunindo em latim e português os ritos quaresmais, tem grande receptividade dos devotos, contribuindo decisivamente para manutenção dessa cultura elevada. A presença de inúmeras irmandades e das duas ordens terceiras, ativas na reciclagem de seus quadros e na contratação do serviço religioso, é outro traço típico da cidade, que, não obstante a modernização da economia, do casario e dos costumes, faz questão de cuidar de suas tradições religiosas. A cidade permaneceu alheia à catequese moderna, conseguindo a convivência positiva entre o novo e o tradicional, diferentemente de Mariana e Diamantina, dominadas na década de 90 por uma visão pragmática em relação ao catolicismo, com forte deslocamento para o social.

Não recusamos a ênfase no social das campanhas da fraternidade, mas a aversão manifesta à erudição, à pompa e ao lúgubre, desenvolvida pelas novas gerações de seminaristas, sacerdotes e bispos, mesmo quando a localidade tem tradições de origem barroca. A *opção preferencial pelos pobres* vê como

16. Com paradas em cemitérios, encruzilhadas, cruzeiros e, finalmente, nas portas de igrejas.

arqueológicos e absolutamente desnecessários a pompa litúrgica, o bom latim, os dispêndios com o aspectos visíveis da fé e até a atuação das antigas irmandades, marcadas por uma concepção religiosa mais devocional do que pastoral. Há uma insensibilidade quanto às diferenças culturais de cada paróquia, colocando-se sacerdotes afeitos ao progresso em lugares que merecem os experientes, com formação aberta para as humanidades, inclusive que tenham noções de arte para ajudar a preservar os acervos expostos a riscos de toda natureza. A partir da Liturgia Reformada da Semana Santa de 1955, ou *Novo Ordo*, "perfeitamente adaptada à situação moderna",¹⁷ tomou impulso certa padronização cultural, empobrecimento ritual, musical e visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÂNGELO, Rosana F. *A venerável Ordem 3ª de Nossa Sa. do Carmo do Sabará: pompa barroca, manifestação artística e as cerimônias da Semana Santa (XVIII a meados do XIX)*. Dissertação de Mestrado em História, UFMG, 1999.
- BOSCHI, Caio. *Os leigos e o poder*. São Paulo: Ática, 1986.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. *As Ordens Terceiras de São Francisco da Penitência nas Minas Coloniais: cultura artística e procissão de Cinzas. Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, n.1, p. 193-199, 2001.
- _____. Quaresma e Tríduo sacro nas Minas setecentistas. *Barroco*. Belo Horizonte, n.17, p. 209-219, 1996.
- _____. Comentário sobre "A imagem religiosa no Brasil" de Myriam Andrade R. de Oliveira. *Boletim do CEIB*. Belo Horizonte, v.4, n.16, p. 3-4, 2000.
- _____. A visão nobiliárquica nas solenidades do setecentos mineiro. In: *X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, 1996, Mariana, UFOP. *Anais...*, p.111-122.
- CAMPOS, João da S. *Procissões tradicionais da Bahia*. Salvador: Publicações do Museu da Bahia, 1941.
- CASTANHA, Paulo. A Procissão do Enterro: uma cerimônia pré-tridentina na América Portuguesa. In: *Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Cia. das Letras - FAPESP, 2001, p. 829-856.
- CIPRIANI, Roberto. *Formes Théatrales de la religion populaire: Le Christ rouge. Archives de Sciences Sociales des Religions*. Paris: 64, n° 1, p. 65-74, 1987.
- COSTA, Alexandre J. Gonçalves. *Frades na cidade de papel: a ação social católica em São João del Rei: 1905-1925*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2000.
- COSTA, Martins da. As procissões na Póvoa do Varzim. In: *Póvoa do Varzim Boletim*. XVIII, 02, p.164- 210, 1979.

17. KALVERKAMP. Comunhão e vigília no dia da Páscoa. In: *REB*. 23 (1963): 746-749.

LANGE, Francisco C. *História da música nas irmandades de Vila Rica: freguesia do Pilar de Ouro Preto*. Belo Horizonte: APM, 1979.
 _____. *História da música nas irmandades de Vila Rica: freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.
 _____. *História da música na Capitania Geral das Minas Gerais-Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco*. Belo Horizonte: CEC, 1982.
 LECLERQ, Henri et CABROL, Fernand. *Dictionnaire D'Archeologie Chrétienne et de Liturgie*. Paris: Libraire Letouzey et anné, 1933, t. XV, 1ª partie, p. 1152-1185.
 LOPES, Francisco Antônio. *História da construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Publicaçãod o S P H A N , 1942.
 MARQUES, José. As Confrarias da Paixão na antiga arquidiocese de Braga. *Theológica*. Braga, 28, 02, p.447- 480, 1974.
 MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicação do IPHAN, 1974. 2vols.
 MASSIMI, Marina, org. *Diante do mistério*. São Paulo: Loyola, 1999.
 MOURA, Carlos Alberto. A escultura religiosa em Portugal nos séculos XVII e XVIII: um breve relance. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, n.1, p. 13-31, 2001.
 NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Itu*. São Paulo: Escola Profissionais Salesiano, 1928. 2vols.
 NAVARRO, Isidoro M. *La Semana Santa de Sevilla - Conformación, mixtificación y significaciones*. Sevilla: Servicio de Publicaciones del Ayuntamiento de Sevilla, 1982.
 OLIVEIRA, Myriam Andrade R.. Arte Barroca In: AGUILAR, Nelson (org), textos de Myriam A. Ribeiro de Oliveira. *Catálogo da Mostra do Redescobrimento*. São Paulo, 2000 (bilingue).
 OLIVEIRA, Myriam Ribeiro. Escultura colonial Brasileira: um estudo preliminar. *Barroco*, n. 13, p. 7-32, 1985.
 ORTMANN, frei Adalberto. *História da antiga capela da Ordem Terceira da Penitência de Francisco em São Paulo - 1676-1783*. Rio de Janeiro: Publicações do DPHAN, 1951.
 PASSOS, Zoroastro. *Em torno da História do Sabará - a Ordem Terceira do Carmo e sua igreja*. Rio de Janeiro: Publicações do SPHAN, 1940.
 QUITES, M. Regina E. *A imaginária processional na Semana Santa em Minas Gerais: estudo realizado nas cidades de Santa Bárbara, Catas Altas, Santa Luzia e Sabará*. 1997. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: EBA/UFMG.
 RAMOS, Rafael G. *Imagen y símbolo em la Edad Media Andalusia*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1999.
 REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SANTANA, G. & PARANHOS, V. Imagens barrocas de roca da Bahia. *Barroco*, n. 12, p. 113-126, 1983.

SOBRINHO, Antônio Gaio. *Sanjoanidades*. A Voz do Lenheiro, São João del Rei, 1996.

TRINDADE, Raimundo. *Instituições de igrejas no bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1941.

VAZ, A. Luiz. Inéditos de História litúrgica medieval de Braga. In: *Bracara Augusta*. Braga: 1983.

VIEGAS, Aluizio J. A Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de São João del Rei e sua igreja. In: *Revista do IBGH*. São João del Rei, n.6, p. 45-58, 1988.

ZARDIN, Danilo (org). *Un solo corpo - Le confraternite la Fede e le Opere*. Rimini: Itaca, 2001.

Artigos da Revista Eclesiástica Brasileira (REB): Petrópolis

Adoração na Sexta-feira Santa. 1960, n. 20, p. 997.

ALEIXO, OFM. Pormenores para a Semana Santa. 1953, n. 13, p.173-175.

ANTONELLI, Ferdinando, OFM. A importância e o caráter pastoral da Reforma litúrgica da Semana Santa. 1956, n.16, p. 108-112.

_____. As novas modificações para a Semana Santa. 1957, n.17, p. 137-140.

BEKHÄUSER, Alberto, OFM. A liturgia popular da Semana Santa. 1985, n. 45, 177, p.63-78.

_____. Quaresma, liturgia e campanha da fraternidade. 1986, n.46, p. 814-822.

BORGES, H. Sobre algumas funções da Semana Santa. 1945, p. 393-398.

A forma das vestes sagradas. 1945, n. 5, p. 508-520.

GARMUS, Ludovico, OFM. Sexta-feira Santa-Pistas exegéticas. 1977, n. 37, 148, p. 250.

Quinta-feira Santa. 1980, n. 40, p. 132-136.

KALVERKAMP, Desidério, OFM. Comunhão e vigília no dia da Páscoa. 1963, n, 23, p. 746-749.

RAMOS, Lincoln. Aspectos da Semana Santa no Brasil. 1953, n.13, p. 72-86.

RUIJS, Raul, OFM. Segunda Leitura. 1977, n. 37, 148,p. 251-253.

Sexta-feira Santa. 1980, n. 40, p. 136-141.

Via-sacra. 1960, n. 20, p. 443-444; 1961, vol. 21, p. 993- 994.

Fontes:

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem histórica e pitoresca ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

Significação das Ceremonias da Semana Santa e Tradução dos quatro Evangelhos por Frey Luis de Santa Maria Prado, Religioso em convento de S. Francisco do Ryo de Janeiro, Anno de 1768 (Biblioteca da Ajuda).

Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo illustrissimo, e reverendissimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide...1707. S. Paulo: Typographia Antonio Lousada Antunes, 1853. 2 vol.

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM):
Livro de Registro de Patentes da Ordem Terceira do Carmo de Mariana, Q32

Arquivo Paroquial de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto (APNSP):

Estatutos da Ordem Terceira do Monte do Carmo -1755 e 1879.
Livro de Inventário de Alfaias da Ordem Terceira do Monte do Carmo:1754-1806; 1810-1862; 1889-1939.
Livro de Inventário de Jóias da Ordem Terceira do Monte do Carmo 1923-1941.
Receita e Despesa da Ordem 3ª do Carmo de Ouro Preto 1904-1929.